

TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: UM TRABALHO DE MEDIAÇÃO ENTRE COMUNIDADE, PODER PÚBLICO E EMPRESA

Cecília Galvani*

Introdução

Inspirado nos valores da matriarca da família, o Instituto Lina Galvani é um Instituto Empresarial Familiar nascido em 2003, dentro do Grupo Galvani - empresa nacional do ramo de fertilizantes. Tem como missão contribuir para a melhoria da qualidade de vida nas localidades onde a Galvani atua, identificando e apoiando os processos que levem ao **Desenvolvimento Comunitário**.

Apresenta como linha de trabalho evidenciar o potencial dos atores locais, para que percebam o seu papel no desenvolvimento da comunidade.

Por isso, ao invés de fazer pelo outro, o Instituto tem como princípio fazer com o outro, visando a autonomia e fortalecimento local, desenvolvendo projetos que levam em conta as demandas e as características específicas de cada da região.

Há cerca de 20 anos, em Fortaleza (CE), na Favela de Pirambu – comunidade de 4 Varas, nascia uma metodologia totalmente brasileira de “intervenção em comunidades, por meio de encontros interpessoais e intercomunitários” (L. Andrade, I. Barreto, A. Barreto e M. Oliveira, 2008).

Criada pelo psiquiatra, antropólogo e professor do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC), Adalberto Barreto, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) tem origem no encontro de duas realidades: do *saber científico* – formal, produzido nas universidades com o *saber popular* – não formal, produzido pela experiência de vida e nossa(s) ancestralidade(s).

Nasce da compreensão de que as diferenças se complementam, de que não existe saber melhor ou mais importante que outro e que o encontro dessas diferenças pode gerar soluções enriquecedoras.

Influenciado por essa “brasilidade” e premissas o Instituto Lina Galvani escolheu a TCI como sua principal metodologia de trabalho, acreditando em seu

potencial pra além da Atenção Primária em Saúde, mas também como ferramenta para a transformação social.

Objetivos

Para sua atuação em Desenvolvimento Comunitário o Instituto Lina Galvani se inspira na definição trazida por Célia Schlithler, de que este “acontece quando há desenvolvimento de **capital humano**, ou seja, fomento ao protagonismo da comunidade e aumento do **capital social** – capacidade de articulação dos atores e organizações dos três setores”.

Mas como fazer isso?

Augusto de Franco traz à luz a importância de alimentar as conexões entre as pessoas para que coletivamente possam discutir, construir redes e buscar caminhos para seu desenvolvimento. Para tanto, completa, faz-se necessário um investimento no desenvolvimento humano a partir da crença em suas capacidades e nas condições de vivência social, promovendo processos democráticos e participativos, gerando autonomia e co-responsabilidade.

“Capital social é uma idéia que tem a ver com o poder das pessoas para fazer, coletivamente, alguma coisa. Mas é um “poder social”. É a sociedade que confere esse poder (ou seja, que empodera) seus indivíduos(...). Esse “poder social” depende, por sua vez, da forma como se organiza e como atua o poder político(...) quanto mais rede e mais democracia participativa houver, maior será o nível, o estoque ou o fluxo do capital social de uma sociedade.” (A. Franco, 2009)

O Instituto Lina Galvani compartilha dessas concepções e entende que o Desenvolvimento Comunitário é processual passando, necessariamente, pela tomada de responsabilidade dos atores sociais locais pelo avançar de seu desenvolvimento.

Para tanto, adota a TCI como ferramenta de trabalho de facilitação da construção de vínculos sociais, isto é, de **Redes Sociais**, articulando e fortalecendo a comunidade para empreenderem ações e projetos que contribuam para a construção de sociedades mais justas, equilibradas e harmônicas.

“A TCI é um instrumento que nos permite construir redes sociais solidárias de promoção da vida e mobilizar os recursos e as competências dos indivíduos, das famílias e das comunidades”. (A. Barreto)

Método

Inicialmente a TCI foi utilizada pelo Instituto Lina Galvani como instrumento para facilitar a aproximação com novas localidades de atuação. Tal encontro foi batizado de “Café com o Instituto” e acontecem no formato de rodas de conversa, em locais públicos, como escolas e salões paroquiais.

A metodologia baseia-se em mobilizar as principais lideranças, bem como representantes do poder público, da empresa Galvani e outras empresas privadas, com o propósito de conhecermos uns aos outros e conversarmos sobre temas cotidianos locais. Sempre é enfatizado o caráter democrático, no qual todas as pessoas empenhadas em discutir questões de interesse comunitário são bem vindas.

A experiência obteve êxito e o uso da TCI como ferramenta possibilitou o contato não hierarquizado e humanizado, quebrando barreiras e resistências típicas de uma aproximação entre empresa, poder público local e sociedade civil.

Passamos por quatro (4) localidades¹ e praticamente em todas nos deparamos com um clima bastante hostil, de ataques e cobranças em função de um histórico de relacionamento (ou de não relacionamento) entre os atores das comunidades.

Percebemos que o contexto desfavorável devia-se em grande parte por uma dificuldade de diálogo (ou a falta de um espaço de debate integrado), resultando em um isolamento. Com a aplicação da TCI, percebeu-se que o simples fato de colocá-los para conversar fazendo uso de ferramenta apropriada, propicia que as barreiras se dissolvam e que estes encontros sejam espaços que possibilitam a construção de **capital social**.

Posteriormente, identificamos que a TCI poderia também atender a demanda por Diagnóstico Participativo, norteados os futuros projetos de Intervenção da organização. Assim, ao longo de 2009 realizaram-se em média quatro (4) Rodas de Conversa em quatro (4) localidades² pré-determinadas, seguindo o mesmo formato do “Café com o

¹ Alto Araguaia (MT), Lagamar e Serra do Salitre (MG) e Angico dos Dias (BA)

² Irecê, Lapão e Angico dos Dias (BA) e Serra do Salitre (MG)

Instituto”, porém com o propósito de chegar-se a um retrato das principais questões que inquietavam essas comunidades.

Identificamos ao longo do Diagnóstico alguns fatores relevantes para que o trabalho alcance bons resultados, entre eles: clarear o papel do Instituto enquanto entidade neutra, de articulação e mediação e que, portanto, não chega com nenhuma proposta pronta de atuação, mas como uma escuta ativa e aberta (sem pré-concepções) necessária para uma construção conjunta; estabelecer uma relação acolhedora, afetiva e de confiança entre os atores participantes do processo, propiciando o resgate da crença em si, no próximo e na força do coletivo facilitando, conseqüentemente, a autonomia e fortalecimento da comunidade. O uso da TCI facilita que ocorram conversas colaborativas entre os atores, fazendo com que busquem soluções compartilhadas para suas inquietações, ampliando a participação da sociedade civil e a rede de arranjos possíveis para a transformação da realidade que querem ver.

“Quanto mais fizermos isso, quanto mais redes e quanto mais processos democrático-participativos forem praticados, mais capital social haverá. E mais desenvolvimento comunitário haverá. Portanto, é necessário investir mesmo no capital social. Mas investir no capital social significa o quê? Significa investir em redes e em democracia local. Ou seja, significa desconstituir as formas de organização piramidais e os processos de decisão centralizadores.” (A. Franco, 2009)

Partindo das premissas de que a comunidade traz o problema e também a solução, e que se faz necessário o fortalecimento das pessoas e dos vínculos sociais para a própria comunidade sentir-se capaz de gerenciar suas demandas, a TCI tem se mostrado uma eficaz ferramenta de promoção das Redes Sociais.

Dessa maneira, a TCI passa a ser utilizada pelo Instituto Lina Galvani para fundamentar os novos projetos de Intervenção e também na própria execução dos mesmos, oferecendo indicadores de desenvolvimento comunitário por localidade.

Resultado

Posicionando-se como um ator que se engaja no desenvolvimento local, o Instituto Lina Galvani propõe a construção de comunidades articuladas em Redes Sociais Solidárias, pois acredita ser isto fundamental para uma sociedade sustentável.

“Estamos convencidos de que enquanto os indivíduos não entenderem as implicações humanas e contextuais de seus sofrimentos e não tiverem o senso de co-responsabilidade, não haverá desenvolvimento sustentável possível.” (Barreto, 2007)

A Terapia Comunitária Integrativa enquanto metodologia promotora de redes sociais solidárias confirma-se, assim, como ferramenta de política pública para a transformação social. Concepção também proposta por Doralice O. Gomes: *“O baixo custo, a alta efetividade, o empoderamento das comunidades e a busca de soluções participativas alicerçam a TC como uma política pública adequada no atendimento das diversas e complexas demandas presentes no contexto social brasileiro.” (2010)*

O modelo da TCI enquanto instrumento de atuação pressupõe ainda uma mudança de paradigma para as organizações na medida em que se posiciona como articuladora e mediadora, viabilizando a construção de um ambiente de confiança e autonomia para que a própria comunidade possa identificar suas inquietações e encontrar soluções.

A TCI se apresentou como ferramenta adequada para o trabalho de **Desenvolvimento Comunitário** ao criar espaços democráticos participativos e viabilizar a construção de **redes sociais** solidárias de promoção de vida. Como consequência, promove a transformação social e a co-responsabilização, para o desenvolvimento sustentável.

Revelou-se ainda, como instrumento de mediação na relação entre empresa, sociedade civil e poder público, promovendo a construção de comunidades autônomas e fortalecidas.

Bibliografia:

BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS e a Terapia Comunitária**. Fortaleza, 2008.

Site IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. **Redes Sociais de Desenvolvimento Comunitário - Uma forma estratégica de transformação social é a articulação de redes intersetoriais de desenvolvimento comunitário, representantes do setor privado, do setor**

público e de organizações da sociedade civil. Disponível em <http://www.idis.org.br/iscom/redes-sociais-de-desenvolvimento-comunitario>.

BARRETO, Adalberto. As dores da alma dos excluídos do Brasil. In: GRANDESSO, Marilene, BARRETO, Miriam Rivalta (org). **Terapia Comunitária – Tecendo Redes para a Transformação Social, Saúde, Educação e Políticas Públicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FRANCO, Augusto. O Lugar mais desenvolvido do mundo, 2004.

GOMES, Doralice Oliveira. A Terapia Comunitária como política pública, 2010.

** Cecília Galvani é fundadora e atual presidente do Instituto Lina Galvani. Formada em Psicologia pela PUC-SP no ano de 2001, desde 2004 vem trabalhando com a Terapia Comunitária e pesquisando sua relação também com a promoção do desenvolvimento comunitário. Este artigo foi apresentado ao Congresso de Terapia Comunitária Integrativa, em setembro de 2011.*